DO LUGAR DE DESIGUALDADE AO CENTRO DA RESISTÊNCIA: disputa, resistência e protagonismo juvenil em Imperatriz/Maranhão[1]

FROM A PLACE OF INEQUALITY TO THE CENTER OF RESISTANCE: conflict, resistance, and youth leadership in Imperatriz, Maranhão

Leila Lima de Sousa [2]

Resumo: *Este texto parte da compreensão da juventude como categoria histórica, plural, diversa e em disputa. Analisa trajetórias de mobilização e articulação na Cidade de Imperatriz/MA a partir dos grupos Batalha de Rima do Império, o Coletivo Juntos e Juntas e a Quadrilha Xodó Junino. Foram entrevistados três representantes, 1 de cada grupo, de forma semiestruturada e em profundidade. Autores como Reguillo (2000), Feixa Pampols e Oliart (2016), Sousa (2022;2023), Akotirene (2019), nos ajudam a compor os argumentos que ressaltam a autonomia política e a capacidade de construção de novas narrativas pela juventude local. A arte, a leitura, a dança e a comunicação funcionam como linguagens de afirmação e como potência criativa. Assim, para além da normatividade que sustenta a lógica da categoria juventude, os jovens de Imperatriz reivindicam re-posicionamentos discursivos e outras formas de experienciar a cidadania juvenil.*
Palavras-Chave: *Juventudes. Imperatriz. Cidadania Juvenil.*

Abstract: *This text is based on the understanding of youth as a historical, plural, diverse, and contested category. It analyzes trajectories of mobilization and articulation in the city of Imperatriz, Maranhão, based on the groups Batalha de Rima do Império, Coletivo Juntos e Juntas, and Quadrilha Xodó Junino. Three representatives, one from each group, were interviewed in a semi-structured and in-depth manner. Authors such as Reguillo (2000), Feixa Pampols and Oliart (2016), Sousa (2022;2023), and Akotirene (2019) help us to compose arguments that emphasize the political autonomy and capacity of local youth to construct new narratives. Art, reading, dance, and communication function as languages of affirmation and creative power. Thus, beyond the normativity that underpins the logic of the youth category, the young people of Imperatriz demand discursive repositioning and other ways of experiencing youth citizenship.*
Keywords: *Youth. Empress. Youth Citizenship*

1. Introdução

A categoria juventude é compreendida como uma "invenção do pós-guerra", segundo os estudos de Reguillo (2000). Surge num momento histórico marcado pelo envelhecimento tardio das sociedades dos países de primeiro mundo e ancora-se na tentativa de equilíbrio geracional, assim, justificando iniciativas de manutenção juvenil em organizações educacionais, favorecendo processos de controle, vigilância e coerção social em nome da

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Processos Comunicacionais, Infâncias e Juventudes. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.
2 Professora permanente e coordenadora do PPGCOM/UFMA Imperatriz. Professora colaboradora do PPGCOM/UFPI. Doutora em Ciências da Comunicação/Unisinos, com estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona. sousa.leila@ufma.br

possibilidade de diálogo mais próximo entre as gerações. É também no período pós-guerra que se observa uma ampliação na oferta de bens de consumo, inserindo os jovens numa dinâmica de acesso a bens materiais que figurariam como base para a construção de novas identidades e novas formas de produção. (Reguillo, 2000).

Em território Latino-Americano são três os marcos que sustentam os estudos sobre as juventudes (Feixa Pampols e Oliart, 2016): entre as décadas de 1960 e 1970, a literatura aponta os jovens como atores políticos frente ao seu caráter de luta política contra os regimes ditatoriais. Na década de 1980, diante do contexto de crise econômica e social vivenciada na América Latina, as juventudes são representadas duplamente como vítimas e como responsáveis pela onda crescente de violência urbana e agitação social. É assim que em 1985, muitos trabalhos aplicados começam a problematizar a questão da juventude com o foco nas políticas públicas para o segmento. O terceiro importante marco, como propõem os autores, trata-se dos estudos desenvolvidos nos anos de 1990 e que têm se expandido até os dias de hoje. Os estudos atuais têm focado, segundo os autores, mais na capacidade e autonomia criativa, nos estilos de vida alternativos e nas práticas culturais dos jovens que em questões problemáticas, percebendo a dinamicidade que configura os trânsitos entre a cultura e as juventudes (Feixa Pampols e Oliart, 2016).

No início do século XXI, a América Latina destacava-se como um território majoritariamente juvenil. Diante das intensas transformações político-sociais e das crises vivenciadas, Reguillo (2000) expõe que faltava reflexão e debate sobre o que é ser jovem, como os sujeitos viviam e como se situavam no mundo. É assim, que, nos aproximando do que é trabalhado pelos autores Feixa Pampols e Oliart (2016), problematizamos também que em finais do século XX e início do século XXI, as organizações e os coletivos juvenis ganham mais força e reivindicam maiores espaços de atuação, trazendo à discussão novas correntes políticas, novas formas de fazer política e novas formas de fazer parte dos movimentos políticos.

Neste texto, compreendemos as juventudes como dinâmicas, plurais, heterogêneas, e com alto potencial de mobilização e articulação em torno de demandas comuns e na elaboração da cidadania. Questionamos, assim, como os marcadores sociais de raça, gênero, classe e território configuram abismos para que muitos sujeitos sociais se reconheçam e tenham o direito de exercer a juventude (Sousa, 2023). Apontamos, com base na experiência de três jovens da cidade Imperatriz/Maranhão, a luta de resistência, o protagonismo, as estratégias de formação política e de qualificação cidadã.

Os três co-participantes deste texto compõem grupos juvenis na cidade, são eles: **a)** Pixel, que é representante da Batalha de rima do Império - movimento centrado nas batalhas de rima de Hip-Hop com apresentações semanais no parque beira rio[3], em Imperatriz; **b)** Luiza, representante do Coletivo Juntos e Juntas em Imperatriz; **c)** Victória, representante da quadrilha [4] Xodó Junino. O tipo de entrevistas realizadas foi em profundidade e semiestruturadas (Duarte, 2006). As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2023 e 2025 através da Plataforma Google Meet.

Entre os questionamentos levantados durante a realização das entrevistas, destacamos três eixos principais: **i)** Dados sobre a história do grupo ou coletivo; **ii)** Percepções sobre as juventudes locais – formas de organização; desafios enfrentados; modos de resistência **iii)** Usos e apropriações de redes sociais e/ou outras ferramentas de comunicação. As entrevistas foram importantes para que pudéssemos nos aproximar de realidades concretas compreendendo de que forma esses jovens exercem a juventude e de que forma os marcadores sociais da diferença atuam construindo diferentes experiências geracionais. Nos casos específicos trazidos aqui, manifestações culturais desenvolvidas através da música, da literatura e da dança são ferramentas pedagógicas potentes as quais são elaboradas pelos jovens como instrumentos de resistência, de protagonismo, de formação popular e de auto-conscientização crítica.

Imperatriz é a segunda maior cidade do Maranhão, distante 635km de São Luís. Faz fronteira com os estados do Pará e Tocantins. Segundo dados do Imesc (2022), a cidade se destaca entre os quatro municípios maranhenses com maior percentual de população jovem, entre 15 e 29 anos de idade. Essa população representa ¼ da população total e é majoritariamente urbana, negra, de baixa renda, atravessada por desigualdades socioeconômicas e apresenta maior vulnerabilidade à violência letal (Imesc, 2022). Pelos motivos listados, a cidade foi escolhida como campo para essa investigação.

O texto está dividido em três momentos: a seguir, abordamos sobre a compreensão das juventudes a partir da observação dos atravessamentos dos marcadores sociais da diferença, novas formas de articulação e mobilização político-cidadã e reconfigurações do fazer política implementadas cotidianamente pelos grupos juvenis analisados. Em seguida, destacamos alguns trechos dos relatos dos três co-participantes e apontamos como a arte, a cultura, a

[3] Parque localizado no centro de Imperatriz, nas proximidades da tradicional rua XV de Novembro (uma das mais importantes da cidade) e do rio Tocantins. É a principal atração de lazer da cidade.
[4] Quadrilhas juninas é a denominação dada aos grupos que apresentam as danças populares tradicionais no período de festas de junho/julho.

formação contínua, o diálogo e a memória são acionados como ferramentas políticas fundamentais para a construção do debate e para o desenvolvimento da luta. Nas considerações finais, refletimos sobre novas e múltiplas construções de sentido em torno "do ser jovem", que vão além da categoria normativa criada socialmente e que nascem nas reinvindicações marginais, na potência de atores sociais que driblam as construções hegemônicas e que disputam novos lugares discursivos.

2. Ressignificando processos políticos: cultura, afeto e protagonismo juvenil

Ampliando o que a literatura aborda sobre as juventudes destacamos que os marcadores sociais da diferença podem atuar em processos de exclusão, silenciamento e marginalização de grupos que são afetados pelas múltiplas desigualdades estruturadas em torno da raça, do gênero, da classe e do território. Carla Akotirene (2019) aponta que o racismo impacta diretamente na percepção e na inclusão do gozo da juventude por parte dos jovens negros. Deles são cobradas responsabilidades geracionais que os fazem ser lidos socialmente como adultos, seja pelas meninas e mulheres negras que desde cedo assumem a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos e da casa para que suas mães possam trabalhar; seja do sistema penal que classifica os jovens negros como "menores e brancos em adolescentes durante as sentenças das medidas socioeducativas pelos juizados, quando raça e gênero se cruzam" (Akotirene, 2019, p. 45). Assim, a raça e o gênero, além da classe e território, podem compor um conjunto de marcadores sociais que exclui os jovens negros da lógica de serem vistos e considerados como jovens.

Além disso, alguns autores apontam também o silenciamento e a invisibilização das mulheres e meninas dentro das culturas juvenis. O espaço da rua é quase sempre narrado como espaço masculino, ocupado por jovens homens. (Weller, 2005; Feixa Pampols, 1998).

Neste texto, visibilizamos processos de participação, resistências e ressignificação nas formas de compreender e fazer política, sobretudo a partir de experiências baseadas na formação popular por meio da cultura, da leitura coletiva, da dança e da música, contextos verificados na atuação dos três coletivos aqui protagonizados. Cabe destacar, que na América Latina, e em especial no Brasil, os movimentos sociais e os atores foram conquistando lideranças ao mobilizarem uma nova visão sobre a sociedade e suas demandas, sobretudo destacando os elementos do *afeto* e das *emoções* como caminhos constitutivos dos reclamos e das lutas. Alonso (2009) destaca que os novos movimentos sociais funcionam como importantes agentes de pressão social e não podem ser definidos por classe, postos ocupados no mercado de trabalho nem por

atividades, mas, sim, por formas e estilos de vida. Ressalta que as novas mobilizações sociais, neste momento em que se discute a necessidade de uma cidadania mais ampla e flexível, não possuem bases sociais demarcadas e fechadas, pois "os 'novos sujeitos' não seriam, então, classes, mas grupos marginais em relação aos padrões de normalidade sociocultural. Isto é, poderiam vir de todas as minorias excluídas" (Alonso, 2009, p. 60).

Para além de leis e estruturas, os novos movimentos sociais, incluídos aqui também os movimentos juvenis, ocupam-se de complexificar uma mudança cultural que dê conta de uma nova sociedade que se vive, lutando pela democratização social (Gurza Lavalle, 2003). Aproximando-se do que propõe Gurza Lavalle (2003) quando trabalha a necessidade de ampliação da cidadania, Alonso (2009), ao problematizar a configuração e a organização dos novos movimentos sociais e dos atores que deles fazem parte, destaca a luta desenvolvida no sentido de ir contra a normatização e a colonialidade na tentativa de ampliação do debate sobre a valorização das diferenças culturais.

Em 2018, durante os meses de julho a setembro, realizamos entrevistas semiestruturadas e em profundidade com 5 lideranças juvenis das cidades de Codó[5] e Imperatriz [6](Sousa, 2022; 2023). Os relatos apontaram que as juventudes dessas cidades enfrentam regulações e controles sociais que atravessam instituições como família, igreja e escola, especialmente no que se refere ao gênero e a sexualidade. Diante dessas limitações, os grupos juvenis atuam na promoção de debates e ações voltadas à equidade de gênero, raça e classe, bem como à valorização das diferenças, articulando educação não formal e comunicação como instrumentos de formação política.

Nesse horizonte, analisamos os relatos dos jovens que compõem a "batalha de rima do Império"; do coletivo Juntos e Juntas ITZ[7] e da quadrilha Xodó Junino", a partir de uma mirada sobre como os processos de participação, articulação e mobilização juvenis em torno de demandas sobre raça, gênero, sexualidade e território, configuram nuances de elaboração de uma cidadania juvenil que deve ser compreendida para além da dimensão jurídico-formal. Assim, se incorpora a perspectivas culturais, comunicacionais e interseccionais. A reivindicação pelo reconhecimento como jovens constitui, assim, não apenas resistência às normatizações sociais. É um projeto político de ressignificação da própria condição juvenil e de produção de novos

[5] Codó é uma cidade do Maranhão distante 298km de São Luís. Está situada a leste maranhense e compõem um dos campos de nossas investigações por ser um dos municípios com maior percentual de juventude Negra.
[6] Na cidade de Codó foram entrevistados representantes da Pastoral da Juventude, da Igreja Católica. E com um representante do Selo Unicef. Em Imperatriz, tivemos contato com integrantes do Clube do livro e com uma representante do Coletivo Rua – Coletivo de Juventude Anticapitalista.
[7] Abreviação do nome da cidade de Imperatriz/ Maranhão.

sentidos de pertencimento e participação social, operados pela comunicação e pela base fundamental de formação política e de tomada de consciência político-social (Sousa, 2022; 2023).

3. Políticas de resistência juvenil: cultura, arte e formação popular

Dados divulgados pelo Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (Imesc) por meio do Boletim Social do Maranhão: Panorama da Juventude Maranhense, apontaram que no ano de 2022, o Maranhão possuía a décima maior população jovem do Brasil, um total de 1,8 milhão de pessoas na faixa etária entre 15 e 29 anos. O número representava cerca de 25,3% da população do estado, e a maioria deles residente da zona urbana (73,2%). O Censo de 2022 aponta a cidade de Imperatriz, junto aos municípios de São Luís e São José de Ribamar, com os maiores quantitativos de jovens no estado (Imesc, 2022).

Em relação a cidade de Imperatriz os dados da pesquisa do Imesc (2022) apontam que a população jovem, entre 15 e 29 anos, representa ¼ da população total. É uma população majoritariamente urbana, negra, de baixa renda e atravessada por desigualdades socioeconômicas. Os jovens são os mais expostos à violência, sobretudo a juventude negra. Ainda, são atravessados pela vulnerabilidade econômica e dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho (Imesc, 2022). Os dados evidenciam como os marcadores de classe, raça e território representam abismos e entraves para que essa parcela da população possa experimentar direitos fundamentais de cidadania.

As experiências anteriores com grupos juvenis nas cidades de Codó e Imperatriz (Sousa, 2022; 2023) apontaram que, embora estejam situados à "margem" sendo excluídos do protagonismo político-social diante do impacto dos múltiplos marcadores sociais que os atravessam, é na resistência fundamentada na auto-organização e na mobilização política, que esses jovens vão construindo caminhos de liberdade, visibilidade e de construção de outros sentidos sobre o "ser jovem". Estar à margem, assim, não significa permanecer em lugares estáticos, e, sim, elaborar trânsitos, atravessamentos e enfrentamentos que resultam na construção de uma cidadania juvenil múltipla, plural, diversa (Sousa, 2022; 2023).

As elaborações de cidadania juvenil desenvolvidas pelos jovens da cidade de Imperatriz para ocupar espaços de protagonismo discursivo, figuram na apropriação da cultura através da dança, da leitura e da música como ferramentas potentes de consciência crítica e de formação política individual e coletiva:

> Eu acredito que as pessoas tinham de se encontrar no seu âmbito para tentar se descobrir. Eu acredito que o querer só vem depois do conhecimento. Então, você tem de conhecer para depois querer. Você não consegue querer algo que

> você não conhece, então você tem de conhecer muito até você querer algo de verdade. **Então, eu acredito que a cultura, a arte em si, tem de ser de fácil acesso para qualquer pessoa.** Eu acho que as pessoas, tipo, em geral, principalmente os políticos e tals, acredito que veem a cultura e arte como algo muito distante, algo extraordinário. Tinha de ser algo perto da gente, tinha de estar na cesta básica, entende? Para todo mundo poder ter isso perto (Pixel, Batalha de rima do Império, 2025, grifos nossos).

O relato de Pixel aponta uma crítica ao distanciamento da arte e da cultura pela cristalização de ambas através de ideologias que inserem a cultura numa lógica elitista, inacessível para classes menos favorecidas. Assim, há um movimento de disputa que coloca em evidência a cultura que nasce e se fortalece nas periferias, que fala a partir da realidade de grupos e comunidades que tiveram manifestações apagadas durante séculos. Stuart Hall (2003) busca uma interpretação sobre as identidades e a cultura na contemporaneidade a partir do debate de que o "pós-moderno" desloca e reposiciona os entendimentos sobre cultura, quebrando divisões rígidas entre cultura erudita e cultura popular. Embora seja perceptível o surgimento de "estratégias culturais para fazer diferença" (Hall, 2003, p. 339) a partir do deslocamento de posições de poder e da criação de espaços para a valorização da diferença, há que problematizar o quanto esses espaços ainda são poucos, dispersos e "cuidadosamente policiados e regulados" (Hall, 2003, p. 339).

Dessa forma, driblar as lógicas excludentes através da arte e fazê-la mais próxima das classes menos privilegiadas constitui-se como uma estratégia primeira desenvolvida pelos jovens que compõem a Batalha de rima do Império.

> A cultura hip-hop ela é centrada e nasceu para isso, para mostrar para um jovem que lutava por guerras, entre aspas, assim, por causas que não deveriam ser essas, para mostrar quais são as suas reais causas. Ele nasce assim, tipo, jovens em um gueto, em guerras de facções e guerras assim, digamos, e aí ele nasce mostrando para as pessoas: "Ó, a gente tem arte aqui, e a gente tem muito potencial para fazer isso. Então, por que que a gente luta entre si? Por que que o nosso inimigo é a gente mesmo, em vez de ser quem inibe o nosso potencial?" Entende? Então, pode ser tudo, pode mostrar para a pessoa que ela pode ser mais do que ela realmente é. (Pixel, Batalha de rima do Império, 2025).

A cultura negra, no caso da Batalha de rima do Império, através da cultura hip-hop, tem colocado em debate discursos diferentes, além de "outras formas de vida e tradições de representação" (Hall, 2003, p. 342). Esses novos discursos e linguagens podem ser observados nos "estilos" e nas músicas que refletem a cultura e a vida e no uso do corpo, que assume um papel de se portar como "tela de representação" (Hall, 2003, p. 342). Entendendo que as

fronteiras e as oposições binárias que marginalizam e segregam a cultura negra são políticas, sociais e simbólicas, pode-se inferir que "o momento essencializante é fraco porque naturaliza e des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético" (Hall, 2003, p. 345).

> A gente está com um projeto de fazer o "hip-hop nas Escolas", que é um projeto que já acontece em São Luís, e é um projeto estadual que o pessoal faz. Só que a gente querendo ou não, a gente precisa de um apoio muito grande do Estado para isso, porque a batalha já é algo que não rende muito retorno para os próprios MCs. Então, para um MC se comprometer todos os dias da semana, acredito que pelo menos aqui não são tantas escolas, então não vai ser todo dia, mas para o MC deixar o seu trabalho e levar até uma escola pra ministrar uma aula… querendo ou não, vão ser poucos que vão se dispor a isso, entendeu? E aí, se o Estado ajudar nisso, ia ser de muita ajuda, entende? E aí a intenção é essa, o que a gente vai fazer esse ano, é o principal foco da Batalha do Império, ir para as escolas (Pixel, Batalha de rima do Império, 2025).

Através da música, especialmente da cultura hip-hop, os integrantes da Batalha de rima do Império podem não apenas expressar o talento para a rima, mas também, refletir e sensibilizar sobre as demandas que atravessam o cotidiano, dialogar com os sonhos e projetos, cobrar atenção de Instituições e a efetividade de políticas de acesso a educação, saúde, lazer. Além de representar uma emancipação pessoal, individual, a cultura hip-hop também promove transformações coletivas, forma e informa os atores sociais que dela fazem parte. Ainda, pode atuar, como no projeto descrito por Pixel, como uma estratégia de formação pedagógica que poderia ser implementada como suporte ao ensino formal a fim de que muitos jovens pudessem se reconhecer e identificar nos currículos escolares que muitas vezes reproduzem lógicas de ensino excludentes e elitistas.

A comunicação, conforme temos identificado nas apropriações desenvolvidas pelos jovens na cidade de Imperatriz, é tática e estratégica para a expressão, para o posicionamento e para o direcionamento da voz (hooks, 2019). Assim como para a ampliação da consciência, para a construção de existências e para a disseminação de saberes que promovam e possibilitem rupturas com os saberes acadêmicos, elitistas, tradicionalistas e burocráticos (Martín Barbero, 2009a; 2009b; hooks, 2019; Freire, 2017; 2018b; Gomes, 2017; Maldonado, 2013; 2015).

Junto à comunicação, a consciência crítica é fundamental para que jovens com realidades em comum possam se unir em torno de bandeiras de luta e de resistência, e exigir protagonismo. A construção de redes de mobilização, de diálogo coletivo e de reflexão sobre

os problemas sociais é uma das premissas desenvolvidas pelos jovens do Coletivo Juntos e Juntas em Imperatriz para a formação político-cidadã.

> E para a gente que vem das camadas populares, mais do que nunca é necessário se unir coletivamente para conseguir lutar pelas nossas demandas. Porque é muito difícil eu sozinha remar contra a maré, mas quando eu tenho um Coletivo que me abraça, que me acolhe e acolhe as minhas demandas e vai está lá quando eu precisar falar, por exemplo, do sucateamento da UFMA que ocorre, esses companheiros vão estar lá para trazer luz para esses problemas e para me apoiar. Então, eu acho que o Coletivo está nesse papel. Nesse papel de mostrar pro jovem que a luta é coletiva e que através desses movimentos de juventude, a gente consegue é.…não digo resolver porque a gente não conseguir resolver os problemas do mundo, mas pelo menos fazer alguma ação que tenha algum efeito dentro da realidade da juventude brasileira (Luiza, Coletivo Juntos e Juntas/Itz, 2023).

O afeto, as emoções, as particularidades e as coletividades são unidas como elementos fundamentais na metodologia de luta: calcando a participação, as resistências e a ressignificação nas formas de compreender e fazer política.

> Uma coisa que a gente preza muito é a formação dos militantes para que eles e entendam mais ainda as pautas que eles defendem, como defendê-las. E assim vai. Alguns Coletivos realizam essas formações com frequência, alguns com não tanta frequência e alguns nem sequer realizam, sabe. Deixam a cargo do militante mesmo ir se virando e conhecendo por si próprio. A gente busca tentar apresentar: 'Olha, a gente defende isso daqui'. Passa texto, livros, filmes, faz formações, inclusive, com professores, com figuras já conhecidas. Eu acredito que aqui em Imperatriz, a maioria dos Coletivos ainda estão deixando a desejar no quesito atividades. Algumas atividades ou são muito localizadas só em determinadas universidades ou então só em um período específico que é o período de eleição para o congresso estudantil. A gente, não. A gente busca estar ativo o máximo possível. (Luiza, Coletivo Juntos e Juntas/Itz, 2023).

A formação popular baseada em lógicas de ensino-aprendizagem não formal são as bases que sustentam a atuação do Coletivo Juntos. Formar novos membros por meio de textos, livros e filmes é uma das ferramentas para passar adiante o significado das lutas e a metodologia utilizada para defendê-las. Mobilizar um olhar crítico, cuidadoso e interessado na mudança social é a palavra-chave. Formar atores que sejam protagonistas e que compreendam o

funcionamento das estruturas para que também interpretem a melhor maneira de lutar contra os processos de marginalização instituído por elas, faz parte do projeto fundamental.

Nesse horizonte, um outro aspecto da metodologia de formação popular desenvolvida no Coletivo Juntas é a proposta denominada “lendo juntas”:

> Tanto é que a gente tem o 'Lendo Juntas' que, inclusive, a gente já vai começar um novo livro que a gente acabou de terminar, o 'Feminismo para os 99%: um manifesto' e vai começar um outro livro no nosso clube de leitura. A gente ainda tá debatendo, tem aí algumas opções. E o 'Lendo Juntas' tem esse papel de formar as militantes também sobre as pautas feministas, porque a gente entende que não adianta a gente falar tanto sobre equidade e não debater o feminismo de uma forma aprofundada, só de uma forma superficial. Isso não supre as necessidades das nossas militantes. Por isso, que a gente sentiu a necessidade de ter o Juntas. O Juntas, assim como o Juntos, ele atua no Brasil todo. Tem alguns projetos que aparecem em várias regionais, que é o caso do 'Lendo Juntas', e tem alguns projetos que são específicos de cada regional.

Ler juntas significa utilizar a linguagem por meio de textos e narrativas como forma de compreender uma realidade comum e colocá-la em evidencia, fazer refletir sobre ela. Além disso, também construir mecanismos de proteção, de resistência e de luta frente aos principais reclamos e opressões vivenciadas pelas mulheres. As interações entre coletividades e sujeitos no processo de construção de cidadania das quais fala Martín-Barbero (2009b) também são ressaltadas por Manuel Castells (2003). Quando o autor reflete sobre a construção de identidades e o processo de autodefinição de experiências no movimento feminista, destaca o papel da linguagem, utilizada como tática de resistência e de autonomia na construção de múltiplas identidades autônomas. Essas identidades fabricam “micropoderes” decorrentes das experiências que atravessam cada mulher no curso de suas vidas. A autoconstrução identitária demarca a construção do poder de se autodefinir (Castells, 2003).

A formação constante é um dos pilares do Coletivo, que também insere como elemento de luta a conscientização e o enfrentamento aos impactos dos marcadores sociais da diferença. A resistência juvenil e os novos modos de fazer política também se observam através da manutenção e o cuidado com a preservação da memória e histórias coletivas. É o caso dos jovens que atuam como mobilizadores dos grupos de quadrilhas juninas, tradição nordestina que passou por transformações no decorrer dos anos.

A representante da quadrilha Xodó Junino, uma das mais tradicionais de Imperatriz, destaca que há 10 anos, a tradição dos grupos de dança era bem mais forte, chegando a ter cerca

de 74 quadrilhas juninas na cidade. Era comum apresentações em escolas, bairros, havia uma outra lógica de apropriação desta cultura que acontecia num âmbito coletivo, popular.

> Para a juventude, na verdade, existe essa diferença entre quando nós éramos jovens, mais de 10 anos atrás, e a juventude de hoje. A nossa geração viveu o auge do São João aqui em Imperatriz. Já chegamos a ter 70 quadrilhas juninas, o que é algo incrível! **Na década de 90, por exemplo, tivemos cerca de 74 quadrilhas juninas.** Com o tempo, isso foi se perdendo. Muitas quadrilhas foram acabando ou se mesclando com outras. Mas nós vivemos essa época, essa chama. Então, desde pequenos, já éramos inseridos nessa cultura. Hoje, a realidade é diferente. **Se formos contar, atualmente, temos apenas quatro quadrilhas juninas funcionando de fato aqui em Imperatriz**. Existem outras menores, mas, no geral, o contato da juventude com as quadrilhas é muito menor comparado ao que era antes. O impacto não é o mesmo. A cultura da quadrilha junina não é mais tão disseminada como antigamente. Antes, nas escolas, era só o que tinha! Todo mundo começava dançando na escola. Hoje, isso é muito raro de ver (...). Eles entram porque acham bonito, mas o que eles veem e presenciam é totalmente diferente de quando eles entram. Então, eu acho que infelizmente é essa discrepância e eu espero que a gente consiga mudar e consiga impactar a vida desses jovens em relação a isso (Victória, quadrilha Xodó Junino, 2025, grifos nossos).

Ainda que hoje as juninas se estruturem a partir de uma ótica mais competitiva e menos na perspectiva de uma tradição popular e comunitária, existem grupos, como o Xodó Junino, que tenta manter viva a memória e passar a outras gerações os significados que a envolvem.

> Nós começamos os ensaios mais cedo do que geralmente as quadrilhas juninas começam, justamente para trazer essa infusão de novos brincantes, de novos conhecedores, formando essa nova chama para pessoas mais jovens, que ainda não tiveram esse contato. A partir dos 15 anos de idade, os adolescentes que quiserem ingressar na quadrilha junina podem conversar com a gente. (Victória, quadrilha Xodó Junino, 2025).

A estratégia de começar os ensaios mais cedo representa a tentativa de formar os brincantes para que conheçam, compreendam a dinâmica e se apoderem da tradição cultural. Os jovens “mais velhos” ensinam aos “mais novos” o que aprenderam com os pais, tios, na escola, nas brincadeiras de rua, nos bairros. É um trabalho de propagação e de construção de novas narrativas históricas que permite que a memória permaneça viva, ainda que com ressignificações.

A ação dos representantes da quadrilha Xodó Junino direcionam a experiência como um lugar biográfico da memória, como propõe Ecléa Bosi (2003), em que o sujeito tece e estabelece caminhos e fios narrativos de sua própria história. As experiências construídas pelos sujeitos ao longo de suas vidas decorrem da assunção de determinados pontos de vista, não partem de um lugar de passividade. Essa memória é, pois, redirecionada, reorientada, composta

de lacunas, desvios, resumos; situa-se entre os componentes da "opinião e do estereótipo" (Bosi, 2003).

Os três grupos utilizam a liguagem como forma de demarcar territórios (Sodré, 2017). Através da arte, da cultura, da leitura, da dança, da música, situam o corpo no centro do discurso, em lugar de protagonismo. Os corpos juvenis periféricos, negros, mulheres, brincantes, maranhenses assumem, pois, um "código linguístico" (Sodré, 2017, posição 2097, Kindle). Um código que é construído coletivamente e que se impõem, que reivindica um lugar de destaque, que re-posiciona narrativas.

.

4. Considerações Finais

Neste texto refletimos sobre alguns aspectos da atuação de três grupos compostos por jovens na cidade de Imperatriz/Maranhão, através de entrevistas com membros de cada grupo. Os relatos apontam para processos de aritculação, mobilização e conscientização juvenil elaborados em coletividade, a partir da formação contínua e da leitura crítica sobre o impacto dos marcadores sociais da diferença no cotidiano político-social. As reflexões apontam para a falta de incentivo político-público, ausência de espaços na cidade que possam servir como locais de lazer, invisibilidade e desafios para serem considerados sujeitos de direito e de demanda.

Para além dos processos sistemáticos de controle, vigilância e silenciamento juvenil, os grupos aqui narrados atuam diretamente na configuração de outras narrativas sobre essa categoria. Sem pedir licença, os jovens se organizam, deliberam, planejam, constroem pontes, redes, maneiras acessíveis de se comunicar e se fazer entender por outros jovens e, assim, vão construíndo grupos de resistência que avançam no debate sobre as principais demandas dessa faixa etária e, também, sobre a necessidade de que a raça, o gênero, a classe e o território sejam dimensões fundamentais para compreender as múltiplas formas de exercer a juventude.

Em estudos anteriores questionamos sobre quem teria o direito de ser considerado jovem no Brasil e no Maranhão (Sousa, 2022; 2023). Com novas observações e contato com outros grupos juvenis da cidade, identificamos que os jovens vão além. Ainda que sejam excluídos de um padrão ou de uma lógica de juventude normatizada, eles, com a leitura crítica da realidade social, com os processos formativos de âmbito individual e coletivo, vão criando cidadanias juvenis múltiplas. Assim, rompem com uma única dimensão do que seria a juventude. E, se colocam no mapa, no centro, em espaço de protagonismo e de reivindicação dos direitos básicos.

Os grupos Batalha de rima do Império, Coletivo Juntos e a Quadrilha Xodó Junino evidenciam que estar à margem diante do impacto da ação conjunta de marcadores sociais da diferença não sifnifica estar num lugar estático. E, sim, em construções contínuas de metodologias de produção de sentido, identidade, formas de participação, reconhecimento e identificação. Para além da dimensão política-formal, os jovens constroem novas narrativas que têm na cultura, na arte, na memória coletiva e na formação popular, tecnologias ético-políticas de resistência.

Nesse horizonte, os marcadores sociais de raça, gênero, classe e território, que durante muito tempo foram apagados da literatura sobre juventudes e operavam como mecanismos de exclusão, vão se convertendo estrategicamente em perspectivas de análise para compreender os múltiplos e diversos olhares e a heterogeneidade da potência criativa juvenil.

Exigir serem reconhecidos como jovens não significa se enquadrar ou disputar lugar na norma social que construiu a noção de juventude. Nesse caso, os jovens de Imperatriz parecem reconfigurar a noção de juventude a partir de uma dimensão política da liberdade, da resistência, do que não está pronto ou dado, mas do que está fluindo pela luta e solidariedade coletiva.

5. Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALONSO, A. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, n. 76, 2009, p. 49-86.

BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo. In: ____. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 113-126.

CASTELS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE Jorge; BARROS Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.

FEIXA, Carles. En El reloj de arena. Culturas juveniles en México, México, **SEP-Causa Joven (Jóvenes, 4),** 94-111, 1988.

FEIXA, Carles; OLIART, Patrícia (Org.). **Juvenopedia**. Mapeo de las juventudes iberoamericanas. Barcelona: NED Ediciones, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. 1921-1997. **Conscientização** [livro eletrônico]; tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2018b.

Edição do Kindle.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GURZA LAVALLE, A. Cidadania, igualdade e diferença. **Lua Nova**, v. 59, n. 59, 2003, p. 75- 94.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOOKS, bell. Erguer a voz. Editora Elefante, 2019. Edição do Kindle.

Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC). Boletim Social no Maranhão [recurso eletrônico] / **Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC).** São Luís, 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Culturas/Tecnicidades/Comunicación [Documento de trabalho]. **Guadalajara, México: Organización de los Estados Iberoamericanos**, 2009b. Recuperado de https://www.oei.es/historico/cultura2/barbero.htm

MALDONADO. Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura da mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J.A.; ROSÁRIO, N. **Perspectivas metodológicas em comunicação**: Novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013. p. 31 -57.

_____. El pensamiento transmetodológico en ciencias de la comunicación: saberes múltiples, fuentes críticas y configuraciones transformadoras. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**. N.o 141, agosto - noviembre 2019 (Sección Monográfico, pp. 193-214). MALDONADO, Alberto Efendy. **Epistemologia de la comunicación**: análisis de la vertiente Mattelart en América Latina. Quito-Ecuardor: CIESPAL, 2015. p. 217-244.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles**. Estrategias del desencanto. Bogotá: Grupo editoral Norma, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017. Edição do Kindle.

SOUSA, Leila Lima de. A juventude é um direto para quem? Procressos de reivindicação do direito à juventude no Maranhão. **Revista Observatório**. v. 9, n. 1, p. 1-21, 2023.

SOUSA. Leila Lima de. Cidadania, desigualdades e autonomia: processos de reivindicação do direito à juventude no Maranhão. In: **ANAIS DO 31° ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2022, Imperatriz. Anais eletrônicos..., Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/cidadania-desigualdades-e-autonomia-processos-de-reivindicacao-do-direito-a-juve?lang=pt-br>. Acesso em: 14 Fev. 2026.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Rev. Estud. Fem**. [online]. 2005, vol.13, n.1, pp.107-126.

Entrevistas

Pixel, Imperatriz, março de 2025. Online

Luiza, Imperatriz, outubro de 2023. Online

Victória, Imperatriz, março de 2025. Online.